

Acerca do lugar da arte grafite em Cuiabá - capital dos 300 anos.

Maria Regiane da Silva Lopes Barrozo y José Serafim Bertoloto.

Cita:

Maria Regiane da Silva Lopes Barrozo y José Serafim Bertoloto (2019). *Acerca do lugar da arte grafite em Cuiabá - capital dos 300 anos. XXXII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. Asociación Latinoamericana de Sociología, Lima.*

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-030/1265>



Acerca do lugar da arte grafite em Cuiabá - capital dos 300 anos.

Maria Regiane da Silva Lopes Barrozo
José Serafim Bertoloto

Resumo

Este texto se refere a um recorte adaptado de um trabalho em andamento a respeito da arte grafite como fenômeno cultural contemporâneo. O objetivo deste artigo, especialmente, é contribuir com uma relação de sentido entre a prática do grafite na cidade de Cuiabá - capital do estado de Mato Grosso, no centro-oeste brasileiro - que neste momento vive seus 300 anos, e o lugar dessa arte no/como processo de transformação cultural contemporânea. Encontramos elementos locais que agenciam os globais, o que tangencia uma discussão a respeito dessa arte visual, sob o paradigma do sentido da Imagem nesse início de século, assunto, que não por acaso, se encontra nos trabalhos de filósofos e historiadores, como Rancière e Didi-Huberman, além de pesquisadores das artes na cultura, como Giuliana Bruno e Armando Silva, nas duas últimas décadas. Objetivamos assim, apenas levantar possibilidade outra de pensar o grafite nosso de cada dia, perguntando em que medida nossas práticas e experiências diárias e comuns se assemelham ao domínio de um possível caráter visual representativo do modo como manifestamos relações/comunicação/informação, na cultura interligada pela rede de textos icônicos.

Palavras chave

Arte de rua; Cultura Contemporânea; Cuiabá; Grafite.

Introdução

Questionar sobre a legitimidade de uma manifestação artística, ou ainda, se existe de fato legitimidade para o campo das Artes no tempo presente, consumiria debates já estabelecidos por diferentes áreas do conhecimento, especialmente as falas vindas da Antropologia e Sociologia. Mesmo estabelecendo relações entre mercado, consumo e mundialização/globalização/glocalização - o que certamente sediará explorações importantes e reais sobre um cenário vivido atualmente - o pensamento artístico sobre o contexto social e político revela, ainda, uma identidade cultural substanciada por uma indústria desencadeadora de oposições entre classes, estéticas e modos de produção, gerando, continuamente, conteúdos de debate. Contudo, um pensamento artístico se utilizando também de algumas abordagens da História, da Filosofia, da Semiótica e da Cultura, é aqui sugerido como um aspecto de reflexão acerca da cultura contemporânea, de modo oblíquo às operações estritamente mercadológicas.



Havendo incômodo com a palavra legitimidade, ensaiamos, neste momento, trocá-la pela palavra sentido. Assim, a direção seguida, de acordo com Rancière (2014) é aquela que pergunta o que dá sentido à existência de uma experiência artística fenomênica pelo alcance global, a partir de seus signos ocultos, observando aquilo que não se mostra à primeira vista, e que, desse modo, é lida como sintoma de um período social por conter semelhanças ontológicas entre essa arte e o contexto da vida diária. Com essa observação de sentido o grafite chegou a nós como uma resposta carregada de indagações subsequentes e urdiduras que aos poucos, produzem um todo conectado por vias sensíveis e despercebidas, porém, é o caminho que nesse momento descreve o lugar da arte nos processos de transformação atual.

Para falar e escrever sobre uma arte visual globalizada, mundializada, popular e erudita - como se encontra localizada suas exposições - alguns exemplos próximos à nossa realidade local, nos autorizam a uma discussão melhor fundamentada. A cidade de Cuiabá, estado de Mato Grosso, Brasil, possui um ambiente visual emergente e exportador de artistas de rua (como a esmagadora maioria deles prefere ser chamada) e, o que acontece com essa arte aqui, desmistifica uma legitimidade de origem sociopolítica identitária como sendo, ainda, o perfil que autoriza o grafite a existir. Outros exemplos fora do país, como os trabalhos do artista britânico, até o momento anônimo, Banksy, o francês Oakoak, entre inúmeros nomes, e, dentro do próprio país, como os irmãos Os Gêmeos, Kobra, Nina, Herbert, entre outros, citados por Ganz (2010), nos apresentam a mesma dinâmica artística livre e mais distante de direitos raciais particulares configurados até final do século XX. Não se trata de um aforismo, pelo contrário, o fluxo da pesquisa se dá pelo próprio acontecimento, o qual nos permite observar uma arte que, mundialmente praticada, vai se alimentando de um estereótipo comerciável e identificável, se igualando a um modelo exportável, o qual vai se reinventando a medida que elementos locais e pessoais são acrescentados e outros retirados.

Sem novidades até então, neste pequeno recorte, o interesse pelo grafite (termo escolhido para acolher todas as técnicas e estilos; pichação, pós-grafite, neografite, arte urbana, arte de rua) percorre uma outra direção de compreensão, aquela que se identifica com o sentido da imagem/imaginário, como afirma Armando Silva (2013), diretamente vinculado às dinâmicas social e cultural. Os fatos por nós vivenciados e que constroem nosso cotidiano, são imperativos também do conteúdo, forma e experiência artística no mesmo espaço tempo. A presença do grafite com suas particularidades e



veleidades, na sociedade contemporânea, não é apenas um discurso para se ver, é um sintoma para se perceber, e ainda mais, para se reconhecer.

Sobre o lugar do sentido como possibilidade de pensar e observar aspectos de um momento histórico a partir de um objeto ou fato/documento simples, desconsiderado por uma estética clássica, encontramos em Rancière um argumento justificado, em certa medida, pelo “sensível”. O caminho entre o sentido, tratado no texto, e o sensível apresentado pelo autor citado, se aproximam quando Rancière (2009) define o que ele chamou de ‘partilha do sensível’:

Denomino partilha do sensível o sistema de evidências sensíveis que revela, ao mesmo tempo, a existência de um *comum* e dos recortes que nele definem lugares e partes respectivas. Uma partilha do sensível fixa portanto, ao mesmo tempo, um *comum* partilhado e parte exclusivas. Essa repartição das partes e dos lugares se funda numa partilha de espaços, tempos e tipos de atividades que determina propriamente a maneira como um *comum* se presta à participação e como uns e outros tomam parte nessa partilha. (p.15)

Observando o grafite como esse *comum*, podemos atribuir sentido ao seu próprio processo e ao processo que ele ajuda a definir em uma cultura social, mesmo não possuindo, ainda, olhos para enxergar devido a proximidade temporal que ainda é bastante presente.

O lugar de onde se fala

Talvez, a novidade para a cidade de Cuiabá seja o nome grafite, pois, a arte de rua é uma tradição de longa data para artistas e cidadãos cuiabanos. De acordo com Suzana Guimarães (2007), as pinturas nas ruas de Cuiabá datam de 1983. Entretanto, é mencionado o trabalho do artista Humberto Espíndola, de 1975, "sob encomenda, o mural exterior 'Bovinocultura' no Palácio Paiaguás, sede do governo estadual" (pp.142-143).



Figura 1. Mural "Figura 1. Bovinocultura", Palácio Paiaguás, Cuiabá/MT, tombados como patrimônio do Estado. Foto: Marcos Vergueiro.

A arte visual, oficializada ou não, da cidade na década de 1980, estava vinculada à uma produção de identidade, de memória, de valorização de uma consciência cultural cuiabana, o que levou um grupo de artistas a espalharem pela cidade suas pinturas muralistas, numa tentativa de socialização da cultura e da arte regionais. De acordo com Guimarães (2007):

Acreditando na pintura pública como ato de afirmação da cultura regional, popular e minoritária, um grupo de artistas (Adir Sodré, Bené Fonteles, Dalva de Barros, Gervane de Paula, Maty Vitart, Regina Penna e Regina Ramos) organizou um movimento que resultou em vários projetos de interferência visual, na cidade, patrocinados pela iniciativa privada e pelo poder público, com a finalidade de transformar os espaços públicos da cidade em espaços de exposição dessa arte regional, (p.142)

Na década de 1980, cerca de 50 artistas participaram de uma exposição aberta, no terminal Rodoviário, com o nome de 'Cuiabá: Um Grande Ateliê'. Essa exposição foi marcada também pela presença de poetas e músicos, e mostrou que a intenção dos artistas não se resumia a uma questão regionalista. Nacionalmente, a arte visual, especialmente a pintura, passava por um momento de fertilidade e diversidade de técnicas e espaços de produção, e, os artistas cuiabanos sabiam disso. Guimarães (2007) continua:

Todavia, o movimento não nasce do nada. A proposta dos artistas cuiabanos em aproximar a arte do povo articulam-se ao movimento de arte nacional que no início da década de 80 promovia a veiculação de trabalhos - de artistas plásticos, poetas e cartunistas de vários Estados - em vias públicas, exibindo variadas tendências que iam



dos figurativos aos abstratos, desenhos de humor, poemas visuais e até a arte xerox¹ etc. (p.144)

Nessa época, a pixação e o grafite em Cuiabá já existiam, certamente, mas o diálogo entre os artistas dessa manifestação e os artistas plásticos de "pincéis", não era de parceria como acontece hoje.

A cena da arte de rua em Cuiabá apresenta atores de circuito estadual e nacional. Os nomes que se destacam nos grafites das duas últimas décadas e nas artes plásticas de rua a partir da década de 1980 - que já fazem parte do espaço e do imaginário da cidade como Aleixo Cortez, Benedito Nunes, João Sebastião da Costa, Jonas Barros, Júlio Cesar, Marcelo Velasco, Nilson Pimenta, Sebastião Silva, Sitó e Vitória Basaia - são os mesmos que possuem trabalhos realizados, apresentações e/ou premiações recebidas em concursos nacionais e regionais. O conteúdo, a performance e a técnica, são peculiares entre eles e cada artista possui uma arte final que se diferencia em estilo e intenção.

Apesar das informações pesquisadas afirmarem uma cidade movimentada quanto a arte visual e a arte de rua contemporânea em suas várias técnicas e tendências, o encontro com estas se tornou a própria afirmação do sentido do grafite e da dificuldade em encontrar uma legitimidade fora do padrão industrial e de globalização instituídos. Três casos práticos (exceto tantos outros que não se oficializaram para a pesquisa) modificaram a proposta inicial do olhar sobre o grafite na cidade de Cuiabá, ao mesmo tempo em que enriqueceram a hipótese que trata da cultura contemporânea como um fenômeno de aspectos imantados pela imagem.

Os três casos foram tentativas de entrevistas com artistas da cidade que apresentam um trabalho já conhecido e reconhecido. As conversas por telefone e *whatsapp* não foram suficientes para os encontros e a entrevista acontecerem. Dois dos artistas aceitaram e mostraram interesse, contudo, não se dispuseram a prosseguir. O terceiro caso chegou na entrevista, contudo, realizada em meio ao seu trabalho. Desta forma a entrevista foi bastante curta, com certa tensão, com tempo bem menor do que o previsto e necessário.

Babu78, um dos artistas com o qual não ocorreu a entrevista, havia alegado muito trabalho, muitas encomendas e falta de tempo, enquanto o entrevistado, Rafael Jonnier, caracterizou a mesma realidade de alguns artistas de rua da atual Cuiabá, o grafite

como trabalho remunerado, um trabalho artístico patrocinado por empresas, escolas e políticos, com finalidades públicas e privadas.

Contrário a um resultado negativo, essa experiência dessacraliza uma história recente do grafite como marginal e imperativo de uma cultura negra diaspórica de revoltas civis e vandalismo. A origem não é outra - dentre influências e reinvenções - mas não há espaço aqui para adentrarmos nesse assunto. O grafite, ou, como melhor identificado pelas suas múltiplas aplicações técnicas e estéticas, a arte de rua, é capturada pelo mercado e se mundializa, porque, lembrando Renato Ortiz, (2007), o conhecimento globalizado de sua manifestação, determina sua legitimação quando o consumo é autorizado/alterado por um mercado interessado em lucro, massificando especificações do produto para atrair um público que se quer moderno. Outro importante exemplo de uma experiência desterritorializante, são as exposições de arte grafite no Museu de Arte e Cultura Popular da Universidade Federal de Mato Grosso/MACP/UFMT. Em maio de 2017, um projeto chamado 'Arte e Vida na UFMT', abriu as portas para o grafite no museu da universidade federal em parceria com artistas de rua cuiabanos. Em 2019, o MACP recebeu, entre abril e junho, os trabalhos do artista citado, Babu78. O que não é novidade em vários continentes, já não é também para Cuiabá, arte de rua sendo exibida em uma galeria em território 'erudito'.



Figura 2. Uma das obras do artista Babu78, Cuiabá.

Esta segunda exposição citada, de 2019, foi legitimada - nas duas compreensões da palavra *legitimus* que remetem a lei e a moral - por razões comemorativas que ocorriam pelo aniversário de 300 anos da capital do Estado. Não quero perguntar se a exposição aconteceria sem a comemoração da data, uma vez que qualquer resposta é parte constituinte do objeto, porque o que dá sentido à uma existência não é a sua técnica,



seu uso, não são os fatos, o que dá sentido é o que nos identifica a ponto de permitir sua permanência e, principalmente, é aquilo que existe na arte da imagem grafite e que nós temos como hábito, como *modus operandis* no dia a dia comum: a efemeridade, a necessidade do novo e do atualizado das informações constantes, a comunicação rápida por aplicativos e redes sociais por imagens e/ou textos curtos, são sintomas de nossa saúde atual, e, se aplicam ao exercício do grafite, que acontece sob esses mesmos sintomas.

Conversa com um artista de Rua

No contexto de Cuiabá, o artista entrevistado, Rafael Jonnier, fala sobre seu trabalho e as comemorações do aniversário da cidade. Abaixo, algumas perguntas e respostas que puderam ser aproveitadas na curta entrevista realizada em novembro de 2019:

M.R.; Então, sobre o grafite e a sua origem artística, você nasceu no grafite? Como nomeia a arte que você faz?

R.J.; Não, nasci não. Eu comecei fazendo ilustrações aí fui pra pop art, da pop art fui pra rua, então foi no terceiro momento da minha carreira que eu fui pra rua, e quando eu fui pra rua que, eu me descobri ainda mais, entendeu, esse lado de desafios [...] O uso da palavra grafite é usado mais como uma questão cultural, de raiz sabe, igual 'grafiteiro'. Eu mesmo, eu não gosto do termo 'grafiteiro'. Eu acho que, quando o povo fala, 'ah é o grafiteiro e o artista', tipo assim, os dois são artistas, não é porque ... igual eu, na rua eu uso tinta acrílica, spray, é uma arte que eu uso a vertente do grafite, eu gosto da palavra grafite, mas do termo grafiteiro, eu não me familiarizo, não sei explicar, entendeu. Acho que quando fala 'grafiteiro' tem esse lado de preconceito [...] Sou artista plástico formado em Design de Interiores, minha formação acadêmica e, então, o grafite assim, o grafite faz parte da minha carreira, todo esse reconhecimento, uma grande porcentagem eu devo no caso ao grafite, porque o grafite ele me ajudou a vencer os desafios porque na rua não é fácil, você chegar, grafita hoje, na outra semana sua arte está pintada novamente, já aconteceu isso, entendeu, mas ao mesmo tempo o reconhecimento é maior, as pessoas reconhecem, então assim, até o artista ele achar uma identidade, tudo isso em mim foi muito precoce, de achar uma identidade logo assim, cara é isso que eu quero, essa visão a longo tempo sabe. Então eu falo que tem uma pitada de empreendedorismo também, não é só ser artista, deixar as coisas acontecerem, não, é um planejamento, é empreendedorismo e aí, quando eu descobri a espiritualidade, formou toda a composição.

**M.R.; Espiritualidade? Em que sentido?**

R.J.; A espiritualidade na questão de você ... sabe quando você vai fazer um almoço, se você estiver carregado e for fazer o almoço, o almoço não vai sair legal, sabe, vai sair aquela coisa sem tempero e tal, e quando você faz sua oração, sua reza, você entra em contato com Deus e vai produzir, é outra, aquele erro que aconteceu você já tem uma criatividade de tornar aquele erro mais uma obra de arte, sabe. Então, a partir do momento que eu entendi isso, fechou o elo. Então aquele medo que o artista sente de não conseguir as coisas, de se frustrar, porque isso na nossa área é muito, na nossa não, ainda mais nesse século XXI em toda área né, você tem aquele medo de não conseguir, até porque a cada passo o mercado está mais concorrido, independente a área profissional, e se você não pegar, em primeiro lugar, a espiritualidade, você está vulnerável a tudo o que o mundo oferece, porque o mundo oferece isso, você entrar em depressão, você ficar frustrado, você buscar outros meios pra superar aquilo.

M.R.; Poderia dizer que, espiritualidade, pra você, tem haver com o que poderíamos, talvez, chamar de nova fase do grafite?

R.J.; Eu falo assim, como a minha experiência que eu levei. Muitas pessoas falam assim, 'nossa Jonnier, como que faz pra você ter trabalho, pra ser reconhecido'(?), igual, o último trabalho que eu fiz foi em São Paulo, numa rua lá que tá crescendo o grafite, virou ... em São Paulo virou um ponto turístico .. não é o beco do Batman, é uma outra rua, que tá nascendo agora, o beco do Batman já tá saturado. Tentei pintar lá, não consegui, foi meu momento de ficar frustrado, falei, puts cara, não consegui, aí, quando eu ia ficar frustrado lembrei, peraí, aí eu entrei em contato espiritual, 'Deus seja feita tua vontade, eu quero muito fazer um trabalho aqui em São Paulo, mas, tá em Tuas mãos'. Fui numa rua, numa galeria lá, comecei a perguntar pro cara lá, o cara já apresentou um carro que tava abandonado na rua, pintei o carro, então foi melhor do que uma parede, foi um carro, que todo mundo que passa chama atenção. Já apareceram outros trabalhos através daquele carro. Isso que eu falo sobre espiritualidade, porque se aquele momento, aquele projeto que eu queria não desse certo, eu já ia me frustrar, eu já ia desanimar, eu já queria voltar pra Mato Grosso, mas, eu falei 'não, há coisas melhores', aí eu entrei em contato espiritual, 'Senhor, está em Tuas mãos', e as coisas aconteceram. Então eu falo isso no meu particular, eu Rafael como artista, eu falo que a espiritualidade mudou totalmente a minha visão artística.



M.R.; Com relação ao início do seu trabalho com a arte de rua em Cuiabá, e o contato com outros artistas da cidade. Há uma parceria entre os artistas?

R.J.; Muitos artistas aqui eu percebo que, tá mudando muito o movimento, a união tá crescendo cada vez mais. Antes a velha guarda era mais fechada, e agora, essa nova geração, tá indo. Depende de mim, depende dos outros artistas essa união, entendeu, e tirar o ego, o orgulho, aí a gente volta denovo na espiritualidade, porque se a gente deixar nossa decisão, tudo acontece né, o ego, o orgulho e ninguém cresce. A dois anos atrás aqui não tinha nenhuma loja especializada em grafite spray, tinha que vir de fora. Hoje em dia já tem porque cresceu, tem novos artistas. Antes, quando eu cheguei aqui, a primeira lata de spray eu ganhei de um artista, o Babu, que tem vinte anos de mercado. Ele também tinha que ligar e pedir material de fora. Aí eu cheguei, chegaram outros artistas, e foi criando um campo de artistas, esquentou o mercado, as outras pessoas viram que a arte é consumida para dentro de casa, dentro de comércio. Hoje já tem lojas especializadas em grafite. Só depende de nós educar a nova geração. Seu eu só pensar no meu umbigo, não ajudar o próximo, outros artistas, conversar, tudo tem limite, mas esse necessário de ajudar o outro. Se eu não fizer isso, o que eu pinto na rua de coisas positivas, eu tô sendo hipócrita, tipo assim, tô pintado coisas positivas e fazendo diferente [...] A ideia é mostrar que nós conseguimos sobreviver mas temos que estudar como qualquer outra profissão, temos que correr atrás como qualquer outra profissão, temos que fazer estratégias como qualquer outra profissão, que o artista, ser artista, é como qualquer profissão. Há quatro anos que eu vivo da arte. Foi todo um processo pra chegar até aqui, pra viver de arte.

M.R.; Sobre o processo, como você vê o desenvolvimento do grafite em Cuiabá, e também com relação às artes plásticas de tamanhos muralistas e motivos tradicionalmente regionais?

R.J.; O primeiro contato que eu tive com o grafite foi com o Babu, quem me deu a primeira lata. Há cinco anos eu estou na cena do grafite em Cuiabá, sou um bebê ainda ... Eu pinto muito no centro, mas não há uma região específica pro grafite em Cuiabá, já conversamos sobre isso, nós estamos buscando, organizando isso [...] Por que eu comecei no grafite, foi na época de 2014, na copa do mundo, que eu vi que tava... era copa do mundo vinha muita gente de fora e tava tudo acabado, muitos lugares abandonados no centro. Foi onde eu comecei a pintar pra revitalizar todo o centro pra receber. Aí eu percebi, cara, isso é muito legal, pintar lugares abandonados, eu comecei a pintar. Tem lugares que eu sei que não está abandonado mas sei que é uma visibilidade legal, eu vou lá, peço autorização, tem todo esse processo. Antigamente,



quando eu tava pintando a noite, passava os policiais olhando, chegou já de parar. Hoje em dia não, hoje em dia eles passam e respeitam, porque sabem que a gente não tá pichando a gente tá fazendo arte, e sabe o quanto a cidade ganhou mais vida depois dessas pinturas [...] A diferença entre os artistas plásticos mais antigos da cidade é apenas de técnica. Naquela época era apenas o pincel, eu pinto com pincel e grafite [...] Já tive contato com alguns desses artistas, pouco. João Sebastião, que já faleceu, me ajudou muito, me deu muita visão. Outros artistas também, já fizemos trabalhos juntos, tem uma interação sim, mas é pouco.

M.R.; As artes visuais também comemoraram o aniversário da cidade. Como você percebe essas atividades?

R.J.; Esse aniversário não teve nenhum apoio. O último edital que teve foi muito exigido, muito burocrático, é documentação disso daquilo, foi bem complicado pro artista porque o artista é autônomo, ele trabalha só, são poucos artistas que têm essa facilidade de trabalhar com essa burocracia, então em vez de ajudar, pediu muito, não teve aquele apoio, eu percebo isso, então, assim, falta apoio sim do governo, não sei como será essa nova gestão, mas a última não teve esse foco.

M.R.; Você já afirmou que objetiva impactar as pessoas positivamente, com sua arte. Como você entende o papel da imagem para esse objetivo e para a sociedade contemporânea que consome uma arte visual de rua/urbana?

R.J.; A arte é uma linguagem universal. As artes visuais têm um papel fundamental na sociedade, fundamental, porque é desde os tempos da era da pedra né, já existia arte, já existia o grafite, nas pedras. Então, muita coisa que nós sabemos da história hoje, foi na era das pedras, que mostram eles atacando rebanho, comendo a carne, como eles vivam. Depois foi no século antes da fotografia, eram os artistas que pintavam, 'ah, vamos colonizar tal país', nem sabia o nome do país, sempre tinha artistas pra registrar aquele momento, então hoje, nós vivemos uma era tecnológica, qual que é a ideia de misturar a tecnologia com a arte, sabe, tem que ter essa visão [...] A arte visual interfere demais na vida das pessoas. Eu já recebi vários relatos, então tudo o que eu tô falando é coisa que eu vivi, não que eu pesquisei, aconteceram comigo, que eu tirei essa experiência. Eu já recebi várias mensagens de pessoas que estavam com aquele dia exausto no trânsito, e cada ano que passa o trânsito aumentando mais, aquela correria, o que mais temos hoje é correria, correria, correria, aí passa em um grafite que eu pintei ali, ou que outros artistas pintaram, mas como eu deixo meu instagram lá, eles mandam 'nossa Jonnier, sua arte me trouxe tanta paz, muito obrigado por ter pintado alí, tal tal



tal', então eu recebo elogios como também críticas, e nós sabemos que entre críticas construtivas, tem aquelas críticas que são totalmente negativas, a gente deixa passar. Mas, o que de elogio que a gente percebe que muda a vida das pessoas e, a partir do momento que eu percebi que esse poder de transformar pro bem as vidas, aí eu comecei a fazer exposições tudo nesse sentido. Então, a última exposição minha que foi no shopping Estação, eu pintei trinta obras, tudo nessa pegada espiritual, de auto ajuda, falando sobre ego. Fiquei um ano pintando pra expôr em um mês, e o nome da exposição foi 'Reino em Evolução', que é o que nós vivemos hoje, essa evolução. Antes já existia depressão, suicídio, mas hoje é muito frequente essas notícias, então eu pintei já com essa intenção de, cara, se eu conseguir mudar a cabeça de três, de uma pessoa, já valeu a pena. Você chegava, não era uma exposição comercial, chegava lá e via valor, não, era uma exposição pessoal, da arte com pessoas. Se chegasse um trabalhador do shopping ou um casal com potencial de compra, era a conversa normal, sabe, a gente conversava sobre a obra, qual foi minha inspiração, e automaticamente eu já tava falando ali sobre espiritualidade, sobre Jesus, sobre Deus, e sem aquele bloqueio, porque hoje, quando você chega e fala sobre religião, já cria uma parede invisível, eu já travo você já trava. Porque são tantos meios de comunicação que falam que espiritualidade é isso, que aconteceu isso na outra religião, acaba acontecendo guerras, sabe. E a arte tem esse poder de linguagem universal. Interessante que, eu estava numa roda conversando com quatro pessoas, cada uma de uma religião diferente, e a gente estava falando sobre a arte, e a linguagem de cada um falava, 'nossa, eu tô sentindo os cristais acessos... eu tô sentindo o amor de Deus,... eu tô sentindo a energia', sabe, e tudo falando o mesmo propósito, a mesma coisa. Então a arte tem esse poder de união, porque aquilo que eu vi, eu senti uma coisa, você vai sentir outra diferente.

M.R.; **Você teve experiência como artista também fora do Estado. Como o grafite é visto fora daqui? Há algo que particulariza essa arte em Cuiabá?**

R.J.;

Quando, em outros Estados, a gente fala Mato Grosso, ninguém bota fé que aqui tem pessoas boas, infelizmente ainda é assim. Mas, ao mesmo tempo isso é muito bom, porque isso é um desafio pra nós artistas, por isso que, eu tô num processo, como todas as pessoas, nessa questão de união, de você ter uma visão a longo tempo, não momentânea, e pra nós artistas, a gente conseguir expandir que aqui em Cuiabá tem *artistas bons* e a gente faz arte aqui com o mesmo nível de São Paulo e até mais, precisamos dessa união um do outro. Porque lá fora também acontece essa panelinha



como acontece essa união, e o que diferencia essa união lá, é exatamente isso, é igual, um exemplo, no terreno do meu vizinho, ele não cuida bem, não sabe plantar... isso vai prejudicar o meu terreno, porque quando bater o vento, tudo o que ele não está cuidando vai pro meu terreno. Se eu ajudar um artista, e outro artista, todo o terreno fica fértil, então todo mundo cresce, cada um tem seu valor, tudo, então, essa união é muito importante.



Figura 3



Figura 4



Figura 5.

As figuras 3, 4 e 5 fazem parte da exposição do artista Rafael Jonnier, “Reinno em Evolução”, Cuiabá, 2019.

Parciais

Considerada uma vertente da História Cultural, a micro-história, especialmente a descrita por Carlo Ginzburg, 2006, permite um método de análise e reflexão amplos a partir de uma pequena parte. Por esse caminho, a arte de rua se transforma em importante documento de reflexão e análise de alguns aspectos da cultura e sociedade deste tempo histórico. O grafite em Cuiabá não se apresenta por completo nos limites deste texto, porém, alguns fatos observados até o momento, afirmam, ao menos, dois aspectos emergentes. Um se refere a presença dessa arte local em circuito nacional, e outro, ao caráter empregatício – fixo, temporário ou por empreitada – do exercício como atividade de trabalho. Ambos os aspectos movem o grafite, ou a arte de rua, para uma captura natural do movimento cultural contemporâneo que ainda tem dificuldades para superar as invenções do circuito mercado/consumo. O contexto histórico do grafite desde o *hip hop*, é o mesmo do contexto de muitas manifestações artísticas em outros momentos da história, por isso, a fundamentação deste propósito investigativo é socioculturalmente temporal, ou seja, deseja pensar na sociedade que está vivendo essa manifestação visual. Uma vez que não escolhemos, como num jogo, a arte que vai insurgir ou se destacar dentre outras no nosso momento histórico, sua existência é, logo, um diagnóstico previsto por um conjunto de fatores, os quais, permitimos, de algum modo, se realizarem.



O diagnóstico de nossos comportamentos e nossas atitudes é imperativo na arte que envolve um maior fluxo de desenvolvimento criativo e maior disseminação, alcance de espaço. A arte visual de rua é o fenômeno que nos ocorre como diagnóstico de um padrão de vida que se regula pela e por sentidos da Imagem.

Quando um processo artístico passa do primeiro momento, que é a utilização legítima de um propósito, como a identidade racial presente na arte visual dentro do *hip hop*, depois, passa para um outro período, o de adaptação/imitação/cópia e, finalmente, chega no terceiro - transição na qual se encontra o grafite atualmente - já não se controla seu percurso. Esse é o estado onde se mundializa.

O inicial estudo de uma pequena parte, o grafite local, sugere afirmar esse processo inevitável das artes fenomênicas. Mas elas não ocorrem sozinhas. O que as tornam objeto de reflexão social é o próprio momento histórico, pois este define, de algum modo, em seu complexo conjunto de fatores, as necessidades e peculiaridades de uma sociedade, as quais são absorvidas pela prática artística que lhe for cúmplice, que der conta de descrever seu texto. O grafite em Cuiabá segue como uma parte na qual se pode identificar aspectos do todo.

Notas

Como exemplo, a exposição: "Como vai você, Geração 80?" Realizada na Escola de Artes Visuais do Parque Lage (EAV/Parque Lage) Jardim Botânico, Rio de Janeiro, aberta em 14 de julho de 1984.

Referências Bibliográficas

- Bertoloto, J. S. (2006). *Iconografia das Águas: o rio e suas imagens*. Cuiabá, MT: Carline & Caniato/Catedral Companhias.
- Bruno, G. (2007). *Atlas of Emotion: Journeys in Art, Architecture and film*. Nova York: Verso.
- Ganz, N. (2010). *O mundo do grafite: arte urbana dos cinco continentes*. São Paulo, SP: Editora Martins Fontes Ltda.
- Ginzburg, C. (2006). *O queijo e os Vermes*. São Paulo, SP: Companhia das Letras.
- Guimarães, S. (2007). *Arte na rua: o imperativo da natureza*. Cuiabá, MT: edUFMT.
- Huberman, D. (2013). *Diante da Imagem*. São Paulo, SP: Editora 34.
- Ortiz, R. (2007). *Mundialização e Cultura*. São Paulo, SP: Brasiliense.
- Rancière, J. (2009). *A partilha do sensível: estética e política*. São Paulo, SP: Editora 34.



Rancière, J. (2014). *Os nomes da história: ensaio de poética do saber*. São Paulo, SP: Editora Unesp.

Silva, A. (2013). *Imaginário – estranhamentos urbanos*. São Paulo, SP: Edições Sesc.
Como Vai Você, Geração 80?. (2018). Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural. Recuperado de Disponível em: <https://bit.ly/3pxyhqJ> Verbetes da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7